

XXIX Congresso Latinoamericano de Sociologia

Avanço de investigação em curso

GT 02 - Cidades Latinoamericanas no novo milênio

## **As Fronteiras do Lugar na vida dos jovens**

Lícia Maria Souza dos Santos

Doutoranda em Sociologia no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia- UFBA

### **Resumo**

O objetivo central deste trabalho é compreender os efeitos do espaço de moradia na vida dos jovens, é uma pesquisa que procura entender como jovens em situação de vulnerabilidade social vivenciam os "efeitos do lugar" e até que ponto é possível afirmar que existe um *habitus*, uma disposição durável circunscrita a ocupação do espaço, uma pesquisa em andamento no processo de doutoramento e que procura investigar como acontecimentos relacionados à organização do espaço urbano re-orientam a sociabilidade dos jovens da periferia de Salvador. A situação de carência nas periferias da cidade, com acesso precário a educação, saúde, com problemas de saneamento contribui para consolidação de uma cidade dual? É possível falar de segregação, num contexto de globalização? São questões que fundamentam este trabalho.

**Palavras chaves:** cidade- juventude – segregação

### **1. Introdução**

As transformações contemporâneas do capitalismo têm afetado a organização das áreas metropolitanas e junto com o paradigma das cidades globais presenciamos áreas que representam ilhas de modernidade e outras onde persiste uma estrutura urbana segregada, mudanças que vão interferindo na apropriação que os diferentes sujeitos fazem do espaço. (Carvalho; Pereira ,2008)

Estudos da sociologia urbana apresentam a cidade como uma variável explicativa. E são várias as interpretações sobre a variável. Mesmo considerando a complexidade de delimitação do urbano enquanto objeto científico, ressaltamos a escola francesa, quando assinala que a cidade resulta da ação do homem sobre o espaço para construir a sua morada, é reflexo da sociedade e produto da história, mas como bem problematiza Park, a cidade tem uma dimensão complexa, que é a sua estrutura, considerando que,

[...] toda a sua organização surgiu como resposta às necessidades de seus habitantes, mas uma vez formada, impõe-se-lhes como um fato bruto exterior e influencia-os, por seu lado em função da intenção e dos interesses que lhe são próprios e que manifesta de diferentes maneiras [...] (Park, apud Castells, 1984 , p34 )

A cidade é o elemento básico do desenvolvimento econômico, lugar de informação e inovação, o campo privilegiado de mobilidade da organização social. A cidade é a flexibilidade da organização social, é o espaço de aculturação para vida moderna como foi no nascimento da modernidade, o lócus que permite o processo de mudança rápida que caracteriza a sociedade industrial. ( Castells,1984) E é neste sentido que essas observações podem nos interessar. Compreender de que maneira a cidade pode existir como o “lugar” de ampliação da sociabilidade, o lócus do processo civilizatório.

Seguindo esta perspectiva é que tem sido realizada uma leitura do urbano através de uma compreensão da cidade enquanto variável dependente, uma análise que expõe o processo de acumulação do capital. Percebe o urbano a partir das contradições do capitalismo dependente e também aponta como o capitalismo avança a partir do processo de espoliação urbana. ( Kowarick,1979 )

Essa noção de espoliação urbana introduzida por Kowarick, na década de 70 foi muito utilizada para o entendimento da questão urbana nas grandes metrópoles nacionais da América Latina. Assim ele demonstrava como o Estado aumentava a concentração da riqueza através da distribuição desigual de investimentos geradores do bem estar social urbano.

Neste cenário é que o desenvolvimento deste trabalho busca compreender a trajetória dos jovens no tecido urbano, um tecido multifacetado em que a ocupação do território, já não existe apenas como um pano de fundo, com seu caráter estritamente físico, mas se apresenta à sociedade com sua estrutura de oportunidades.

## **2. Juventude e desfiliação**

A juventude atualmente no Brasil alcançou o status de sujeito de direito e neste contexto temos políticas sociais voltadas para este público, que numa perspectiva sociológica pode ser compreendido como uma categoria social que, como outros marcadores sociais, a saber, classe, gênero, raça, nos orientam para compreensão das relações sociais.

A organização internacional da juventude, seguindo a UNESCO, define juventude como ciclo etário de 15 a 24 anos, mas essa definição é em si mesma complexa, pois definir juventude implica muito mais que um corte cronológico, implica oportunidades, vivências, uma certa transversalidade contida nessa categoria que indica que não há apenas um grupo de indivíduos em um mesmo ciclo de vida, ou seja uma só juventude. Ainda que como um grupo social, seu principal atributo seja a faixa etária, advoga-se uma abordagem que compreenda a juventude como uma categoria socialmente construída, em função do pertencimento de classe, interesses e oportunidades ocupacionais e educacionais. ( Castro e Abramovay, 2002)

Bourdieu ( 1984), coloca que os jovens são na verdade, uma espécie de terra dos homens e das mulheres, adultos para algumas coisas e crianças para outras. Muitos defendem a juventude como a fase da transgressão, da busca pelo novo, muitos jovens se angustiam por não conseguirem participar do sistema social e se sentirem parte efetivamente deste, pois não conseguem realizar seus projetos e se sentem sem lugar na sociedade e neste contexto temos aqueles em situação de vulnerabilidade social, que têm sido alvo de várias pesquisas e políticas sociais.

Para a criança e o adolescente, uma valorização crescente dos direitos acontece como um marco deste século, ainda que o discurso seja mais forte que a prática. Isso vem desencadeando mudanças a nível legislativo, com inovações na concepção jurídica que também visam garantir à criança e ao adolescente o respeito aos seus direitos e inauguram um trabalho sócio-educativo emancipador que baseia-se na noção de cidadania substituindo as tradicionais práticas assistencialistas, repressivas, contribuindo para uma reorganização das políticas sociais voltadas para crianças e adolescentes. Embora esse histórico esteja mais direcionado para crianças e adolescentes, no entanto é preciso destacar que a política para juventude segue este mesmo traçado, o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal 8069, de 13/07/1990 é considerado um marco que desencadeia propostas mais consolidadas para crianças e jovens. E no corrente ano foi aprovado o Estatuto da juventude.

Ao acompanhar todo esse mapeamento da questão da criança e do adolescente, temos claramente a percepção de que essa é uma questão de política social diretamente relacionada com o desenvolvimento do país, com a sua história, uma história marcada por relações desiguais.

Castel (1998), voltando à história, com sua pesquisa procura dimensionar este novo dado contemporâneo, que é a presença de indivíduos colocados em situação de flutuação na estrutura social e que povoam seus interstícios sem encontrar aí um lugar designado. Este estudo foi realizado na Europa, onde o contingente de pobres não abarca apenas indivíduos incapacitados e ou de baixa escolaridade e qualificação, mas são adultos qualificados, jovens qualificados, que caracterizam uma pobreza que pode ser chamada de residual.

Mas a partir dos conceitos de vulnerabilidade e desfiliação, o autor analisa a trajetória destes sujeitos na questão social. Vulnerabilidade para se referir às atuais dinâmicas de exclusão/marginalização, como contratos por tempo determinado, tempo parcial, ou seja, precariedade do trabalho, que substitui a estabilidade através de um contingente cada vez maior de assalariados fragilizados. À exclusão ele prefere desfiliação, pois a exclusão é determinada por discriminações oficiais, designa situações definidas e ele não trabalha com o modelo de sociedade dual. A noção de desfiliação permite reconstituir o percurso, desfiliação como a degradação das relações e condições de trabalho e da proteção que lhes estão vinculadas, ou ainda a fragilização dos suportes de sociabilidade. São conceitos que representam a dimensão internacional das mudanças no mundo do trabalho, refletindo na questão da pobreza, o que permite uma análise mais integrada e dinâmica do que se denomina exclusão social.

Considerando as devidas diferenças – pois a nossa pobreza não é de caráter residual, no Brasil as mudanças no mundo do trabalho tem um impacto, mas os nossos pobres não são novos – o modelo analítico de Castel pode ser aplicado à realidade brasileira, contribuindo para a percepção do caráter global da questão social. E nesta perspectiva podemos pensar o tema da pobreza, pois é uma questão social. A desfiliação é vista como um dos efeitos do enfraquecimento da condição salarial, daí a centralidade do trabalho na construção da identidade situando o indivíduo na sociedade. Mas a precarização do mercado de trabalho e o avanço do desemprego fazem com que sejam inúmeros os que se encontram na zona de vulnerabilidade e muitos já desfilados.

Se a desfiliação nos permite reconstituir o percurso é neste sentido que procuramos entender o percurso do jovem em situação de vulnerabilidade no mundo urbano.

### **3. O acesso a cidade e a sociabilidade juvenil**

Numa breve observação das políticas sociais direcionadas para o adolescente e jovem em situação de risco social em Salvador, identificamos que há uma mudança na orientação destas quando algumas intervenções deixam de acontecer no interior dos bairros e passam a se implantar no centro da cidade, tendo como premissa a tese de que “os jovens precisam ser apresentados à cidade”.

Entre alguns projetos, ressaltamos a Oi Kabum! Escola de arte e Tecnologia, parceria da ONG Cipó - Comunicação Interativa em parceria com o Instituto Oi Futuro, Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), entre outros, que esteve sediada no Nordeste de Amaralina, dentro do programa Viva Nordeste, uma parceria com moradores, órgãos públicos e outras instituições que liderados pela Secretaria de Trabalho, Ação Social e Esporte (SETRAS), apresentam um programa de desenvolvimento integrado, denominado Viva Nordeste. Programa que inaugura uma nova dinâmica no bairro com ações de educação, interação e formação para cidadania e mundo do trabalho, concentradas no chamado Beco da Cultura.

Não estudaremos a política social voltada para o jovem, mas essa ONG tem cumprido um papel metodológico como via de acesso aos jovens que residem em bairros da periferia da cidade, como o Nordeste de Amaralina, que é um bairro que está localizado próximo a orla da cidade, mas com características de periferia, ele surge com um processo de ocupação, outrora denominado de invasão, e

tornou-se um bairro extremamente populoso, reunindo famílias em situação de pobreza, com um tecido urbano que se caracteriza por habitações precárias e uma carência de equipamentos e serviços que garanta toda comunidade um bem estar social e com problemas de violência. Culturalmente é uma das referências para a arte da capoeira, foi nele que mestre Bimba, criador da capoeira regional, viveu parte da sua vida e manteve a sua academia.

A Cipó realizou (2007-2010) no bairro do Nordeste junto com alguns parceiros um trabalho de qualificação de jovens e resgate da auto-estima, acrescentando a lista daquelas instituições que nos diferentes bairros da cidade de Salvador, atuam com criança, adolescentes e jovens em situação de risco social, na expectativa de cumprir a agenda do reconhecimento destes enquanto sujeitos de direito, como preconiza o ECA.

Analisando as diferentes motivações que desencadearam o a saída da instituição do bairro, podemos refletir o quanto o espaço físico e social estão imbricados. Como nos fala Bourdieu (1989) o espaço social objetivado se apresenta como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens e serviços que hierarquizam as relações neste espaço.

A saída da instituição do bairro evidenciou a situação da comunidade, que foi veiculada através de narrativas apresentadas por jornal local. Surgem os mais diversos temas, como ausência de instituições públicas, de segurança, violação de direitos. Vejamos algumas;

*“ Não temos posto dos Correios, pois alegam que se abrir, vai ser assaltado, nem Cesta do Povo, sequer campo de futebol ou ginásio de esporte com estrutura decente”* (Acrescenta o padre, Atarde, 04/05/2009).

Falando da ausência de políticas públicas, de educação, segurança que atenda a demanda local, a diretora de uma escola coloca. *” Recrutam adolescentes não assistidos pelo governo, prefeitura e famílias...é absurda esta falta de atenção, Vale das pedrinhas e Santa Cruz não tem sequer colégio de ensino médio”*.( Atarde,04/05/2009).

Segundo Caldeira (2002), as narrativas de crime, recontam experiências de violência e assim reorganizam o contexto social no qual ocorrem. Tanto na matéria do jornal citada quanto no discurso da ONG, o programa deixa o bairro por dois fatores, primeiro o avanço da criminalidade, que para este caso assume o ápice quando um jovem, integrante do projeto, de 17 anos, foi morto por bandidos e após a morte do jovem, várias outras coisas complexas aconteceram, educadores do projeto passaram a ser abordados nas ruas com perguntas e declarações do tipo; por que insistem em ficar aqui? Vocês estão correndo risco aqui. Um segundo fator apresentado no discurso da ONG é de que uma das visões do projeto é também ter sedes fora do bairro dos atendidos.

*“ o instituto prefere uma área que dê visibilidade ao aprendizado dos alunos, também proporcione a eles vivência fora da zona que residem. É dar a eles o direito à cidade, fazê-los enxergar que são cidadãos com os mesmos direitos que qualquer outro habitante”* . ( Coordenadora da Ong, Atarde, 04/05/09)

Essa referência ao direito à cidade nos parece uma preconização de uma crença no processo civilizatório da cidade, a idéia de cidadania que advém desse convívio na cidade, espaço de interação social que permite vivenciar a diversidade de opiniões, comportamento, uma espécie de respeito à diversidade ancorado na máxima da dignidade humana. E por que o viver em alguns bairros desencadeia esse sentimento de estar fora da cidade, o lugar da cidadania já que muitos jovens de bairros periféricos não conhecem o centro da cidade.

Atualmente a Oi Kabum, já está localizada no Terreiro de Jesus, Centro Histórico da Salvador, funcionando com o curso de arte e tecnologia, em linguagem de vídeo, fotografia, design gráfico e o núcleo de produção, atendendo jovens do Nordeste de Amaralina e do subúrbio ferroviário.

Em entrevista com um jovem de 21 anos, que fez parte da formação ainda no Nordeste de Amaralina e que hoje faz parte do núcleo de produção agora no Centro Histórico; ele relata que o projeto dentro do bairro é importante para comunidade, fortalece laços afetivos, continua “*aqui (no centro histórico) as vezes tenho que almoçar sozinho e lá as pessoas visitavam, era muito legal, foi uma perda para o bairro*”.

Este jovem afirma que o Nordeste de Amaralina é um bairro que carrega o estigma da violência, mas ele também afirma “*não é bem como as pessoas pensam, acho que a mídia aumenta*”. Não obstante, coloca que estava sem estudar, porque não se sentia seguro em circular no bairro a noite da sua casa até a escola. Ele apresenta este dado sem perceber as fronteiras do lugar na sua sociabilidade, ele não expressa que o seu direito de ir e vir está sendo violado.

Essa observação e toda a incursão realizada na pesquisa nos mostra que há uma trama de relações sociais que vai sendo tecida e que termina por enfatizar a necessidade de estudos para compreender os diferentes significados da ocupação do espaço, um pensar o espaço habitado.

Os limites de condições de habitabilidade, apresentado por Souza (2000), nos permitem identificar o padrão considerado bom na ocupação urbana, tomando como referência requisitos urbanísticos considerados importantes como: sistema viário adequado (acessibilidade, dimensionamento, pavimentação); infra-estrutura básica coletiva (redes de energia, água, saneamento); lote mínimo estabelecido pela legislação; existência de áreas públicas abertas e de equipamentos coletivos; conservação do ambiente construído e situações topográficas de risco; enfim atributos necessários para as idealizadas boas condições urbanísticas.

Podemos questionar quais os bairros na nossa cidade que atendem a essas condições de habitabilidade. E ainda segundo Souza (2000), essas condições associadas aos altos níveis de pobreza na realidade brasileira, intensificam os processos de segregação e exclusão na cidade, adquirem outras dimensões mais graves, envolvendo o aumento da violência, o afastamento dos padrões institucionais, privação na geração de oportunidades.

Morar em um lugar, ocupar o território não é uma questão apenas de localização geográfica, mas significa vivenciar o lugar, é uma marca social. Habitar em bairros, distante do Centro com dificuldades de transporte, sem escolas, espaços e equipamentos de lazer, pode significar uma redução de oportunidades de educação, ocupação e mobilidade social.

É neste cenário que essa pesquisa se apresenta, com algumas questões; como jovens em situação de vulnerabilidade social vivenciam os “efeitos do lugar”? Até que ponto podemos afirmar que existe um *habitus*, uma disposição durável circunscrita à ocupação do espaço?

#### **4.Os usos do espaço**

A dimensão espacial, neste trabalho é um componente importante para compreender a vida cotidiana de jovens na cidade de Salvador, com base na premissa de que há uma inter-relação<sup>1</sup> entre os processos sociais e as formas espaciais. Assim as desigualdades são projetadas no espaço, dentro das cidades brasileiras bairros periféricos e ou favelas existem como espaços que excluem os indivíduos do que se denomina modernidade, com a ausência de bens e serviços que garantem a cidadania. Como ressalta Santos (2002), morar nas periferias urbanas significa estar, duplamente, condenado à pobreza.

Para compreender a relação que se estabelece entre pobreza, território e desigualdade social, nos parece necessário trazer a discussão da segregação urbana. Como já foi dito aqui, o espaço é um produto social e como aponta Lefebvre (2008), a reprodução das relações de produção se efetua através do espaço inteiro e ainda segundo este autor, excluir, do urbano, “[...] grupos, classes, indivíduos implica também excluí-los da civilização, até mesmo da sociedade [...]” (Lefebvre, 2008,p32).

A forma como o indivíduo ocupa o espaço tem estreita relação com a estrutura social, a vida urbana vai se manifestar de forma distinta para os diferentes grupos sociais, uma vez que,

O espaço social reificado (isto é, fisicamente realizado e objetivado) se apresenta, assim, como a distribuição no espaço físico de diferentes espécies de bens ou de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados ( enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes ( em função de seu capital e também da distância física desses bens, que depende também de seu capital). ( Bourdieu,1997, p 161)

Estudos sociológicos urbanos apresentam as cidades divididas entre centro e periferia. No Brasil, as periferias como locais mais distantes dos centros urbanos são marcadas pela ausência de serviços públicos de educação, lazer, saneamento básico e saúde que possam garantir aos que ali habitam condições dignas de reprodução social. E o centro geralmente corresponde aquele espaço onde se dá o processo de tomada de decisão, onde está a administração pública, há também concentração da riqueza com a presença de grandes estabelecimentos financeiros e é onde habitam extratos sociais mais favorecidos economicamente. Este modelo centro-periferia apresenta uma distância social entre grupos e também um acesso a bens e serviços limitados pela sua condição social. Ainda que não haja uma homogeneidade quando se fala das áreas periféricas brasileiras, estas são marcadas pela sobreposição de carências e privações com riscos sociais cumulativos. E é neste contexto que os programas sociais voltados para adolescentes e jovens de periferia iniciaram sua atuação privilegiando o espaço do bairro de periferia.

Não obstante, estudos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Metropolitanos (CEM/CEBRAP), em São Paulo apontam para uma heterogeneidade das áreas de pobreza, apesar de um acúmulo histórico de indicadores negativos sujeitos a riscos sociais e ambientais, é também verdade que essas áreas se distribuem de forma dispersa e complexa, apresentando um mosaico que nos conduz a pensar cada vez mais em *periferias* e não mais periferia. Constatou-se que enquanto as áreas ricas são mais compactas territorialmente, homogêneas em termos de indicadores positivos, os espaços urbanos pobres apresentam características diferentes entre si no que diz respeito à intensidade de mazelas urbanas, como o desemprego e a violência. ( Bichir & Ferreira & Torres, 2004)

Mesmo com certa heterogeneidade, a segregação que se apresenta em alguns locais da cidade gera diferentes conseqüências; como menor acesso a alguns serviços essenciais, devido a distância a ser percorrida, a ausência de recurso para transporte, maior exposição a problemas de saúde devido as condições de saneamento local, efeitos sobre a escolaridade dos jovens, diante da capilaridade de instituições de educação e as dificuldades para atender a demanda local.

Na América Latina, muitas vezes o conceito de segregação residencial tem sido utilizado como sinônimo de desigualdade social, exclusão e pobreza urbana. Mas adotaremos o conceito de Sabatini , que afirma,

segregação residencial pode ser definida como o grau de proximidade espacial ou de concentração territorial de famílias pertencentes ao mesmo grupo social, seja este definido em termos étnicos, etários, de preferência religiosas ou socioeconômicos dentre outras possibilidades. (Sabatini, 2004, p64)

Sabatini (2004) continua sua definição de segregação residencial e apresenta três dimensões principais; (i) a tendência dos grupos sociais se concentrarem em algumas áreas específicas da cidade; (ii) a conformação de áreas ou bairros socialmente homogêneos; (iii) a percepção subjetiva que os

moradores tem da segregação objetiva. E ressalta ainda que para o caso de pessoas e famílias pobres a dimensão subjetiva da segregação consiste no sentimento de marginalidade e de estar sobrando, onde a ociosidade juvenil, presença nas famílias de jovens que não estudam nem trabalham, são fenômenos de desintegração social que são estimulados pela segregação espacial.

A percepção subjetiva da segregação objetiva, ressaltada por Sabatini, pode contribuir para elucidar as questões dessa pesquisa, na medida em que se pretende compreender como estar em um lugar interfere na sociabilidade dos jovens.

Neste contexto, é que a proposta está situada partindo da hipótese de acúmulo de riscos, da vulnerabilidade, que existe como uma zona instável, que pode ser caracterizada pela conjunção da precarização do trabalho e fragilização dos apoios relacionais ( Castel 1998), associada ao tema da segregação residencial.

Neste contexto, é que determinadas áreas metropolitanas brasileiras estão expostas a uma série de carências, a uma acumulação de riscos e situações negativas, que colocam um desafio para as políticas sociais que é a transformação destas externalidades negativas, em positivas, isto é fazer com que as características do local de residência deixem de constituir os fatores decisivos para a reprodução da pobreza (Torres, Haroldo; Marques, 2004).

Na pesquisa identificamos que muitos jovens do Nordeste não conhecem o centro da cidade. Alguns relatos nos apresentam este dado; primeiro o Projeto Kabum nos informou que muitos jovens não conheciam o Terreiro de Jesus, ficaram surpresos com o centro da cidade. Segundo, em uma escola de nível médio no Nordeste, o diretor também reforça esse dado e relata que os alunos recorrem a direção para se localizar na cidade, para saber, por exemplo, onde fica o Garcia, o Campo Grande, área central da cidade, onde acontece inclusive o carnaval.

A discussão é de que maneira ocorre o acesso a cidade para aqueles que habitam a periferia? E os bairros periféricos existem enquanto lugar de segregação? Quais os contornos dessa segregação? Que tipo de disposição durável se quer formar quando um lugar, um bairro é uma fronteira na reprodução digna dos sujeitos?

Apresentamos dois relatos de jovens, expressando como é a vida do jovem nos bairros da periferia da cidade.

*Estudo, trabalho, diversão, também tem jovem que se envolve com drogas, criminalidade, violência e tem dificuldades pra pensar o futuro.*  
( uma jovem de 19 anos, mora em Santa Cruz)

*Depende mesmo... o conjunto onde moro é dividido em três prédios, o mais recente tem pessoas mais humildes. O que moro é mais tranquilo. Então temos jovens que estudam trabalham e outros que pode-se dizer “ que não esta no caminho certo” há uma incidência de assalto, mortes, assassinatos.( uma jovem de 19 anos, mora em Fazenda Coutos, subúrbio de Salvador)*

São os jovens que já entraram num mundo revirado<sup>2</sup>, a fase financeira e globalizada do capitalismo que está em todos os lugares; e que habitam bairros com uma carência de equipamentos e serviços públicos, como transporte, escolas, postos de saúde, espaços de lazer. Neste contexto é que as fronteiras do lugar são estabelecidas, as vezes de maneira sutil e em tempo nos convoca para uma leitura analítica que encare as binaridades e consiga elucidar a complexidade dos vínculos que os jovens constroem ao longo do seu percurso social.

Pesquisas demonstram que morar em um lugar onde predomina um contingente populacional de desempregados e trabalhadores precários é estar na zona de restrição de oportunidades ocupacionais, devido a rede de relações sociais que se constitui enquanto um fator decisivo para ter acesso ao mercado de trabalho. Abramovay, M e Castro, M. (2006).

Os jovens que não trabalham, não estudam e sobretudo não buscam emprego, podem estar expressando uma baixa adesão as regras sociais. A desfiliação ocasionando a reprodução da pobreza e a exclusão social dos jovens. Na medida em que afasta os jovens da experiência social que pode levar a acumular conhecimentos e contatos relativos ao mundo do trabalho. Castel ( 1998), Ribeiro (2005)

## 5. Algumas Considerações

A discussão travada até então evidencia como a dinâmica social das grandes cidades sustenta as grandes distâncias entre as classes sociais, o que tem como consequência fenômenos de diferenciação, segmentação e segregação residencial no território das grandes metrópoles brasileiras, tudo isso combinado com os mecanismos históricos de separação social, dota as desigualdades sociais de novos conteúdos pouco conhecidos.

As crianças e os jovens são os candidatos em potencial a futuros adultos excluídos da nova economia, eliminando as possibilidades integrativas e assimiladoras da grande cidade; este cenário surge em um momento de redemocratização e avanço da modernização capitalista, gerando uma grande contradição, pois a escola, a política e o mercado geram modelos sociais homogêneos de integração, baseados em estilos de vida das classes médias evidenciando que as oportunidades sociais se distribuem de maneira desigual. Ribeiro( 2005).

Sabatini (2004), chama a atenção para a forma simples de associar segregação a desigualdade social, como algo que permeia pesquisas no mundo inteiro e sugere que se existe essa relação não basta ler a estrutura social da cidade, mas é entender a relação entre desigualdades e segregação a partir de uma análise dos processos sociais. Avaliar o papel da segregação espacial na formação de grupos e identidades. Neste contexto, é que continuaremos refletindo como alguns grupos, a exemplo dos jovens, em bairros periféricos, lidam com a segregação residencial.

E parafraseando Kowarick (2000 ), a produção do conhecimento não é o motor da história, mas compõe o processo de mudança e transformação e é neste sentido que este conceito de segregação precisa ser revisitado para se analisar o quanto a contradição que se instalou na sociedade contemporânea nos remete a construções teóricas que de início parecem ter perdido o seu caráter explicativo, mas que talvez precise ser repensada e não totalmente abandonada. O desafio é escapar da dicotomia que num primeiro momento o conceito de segregação apresenta e avançar para além da cidade dual, da visão hegemônica da cidade partida, mas considerando que as ações dos sujeitos estão circunscritas a ocupação do espaço.

## Referências

- Abramovay, M e Castro, M. ( 2002) *Por um novo paradigma de fazer política de/para/com juventudes* In; Revista Brasileira de Estudos de População,v. 19,n 2, jul/dez .
- Abramovay, M e Castro, M ( 2006). *Juventude, juventudes. O que une e o que separa*. Brasília, UNESCO.
- Bichir, Renata M.; Ferreira, Paula M.; Torres, Haroldo( 2004). *Jovens no município de São Paulo. Explorando o Efeito das relações de vizinhança*. In: R. B. Estudos Urbanos e Regionais V.6, n.2, novembro.
- Bourdieu. Pierre ( 1984). *Questões de Sociologia*. Edt Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre. 1989). *A gênese do conceito de habitus e de campo; Espaço social e gênese das classes*. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 322p.
- Bourdieu. Pierre ( 1997). *Os Efeitos do Lugar*. In: A miséria do Mundo. Petrópolis, RJ, Vozes.
- Bourdieu, P., Chamboredon J.C., Passeron, J.C.(1999) *A Profissão de sociólogo: Preliminares epistemológicas*. Petrópolis, editora vozes.



- Caldeira, T. P. R.( 2002) “ *Falando do Crime e Ordenando o Mundo*”. In: Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. Ed. 34/Edusp. p 27-56.
- Carvalho, Inaiá Maria M de; Pereira, Gilberto Corso(2008). *Como Anda SALVADOR e sua Região Metropolitana*.Salvador;Edufba.
- Castel, Robert(1998). *As Metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: vozes,611p.
- Castells, Manuel.( 1984) *Problemas de Investigação em Sociologia Urbana*. 2ed. Martins Fontes.
- ELIAS, Norbert.( 1994) *A sociedade dos indivíduos*. RJ, Jorge Zahar Ed.
- Kowarick, Lúcio ( 1979). *A Espoliação Urbana*. Edt Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Kowarick, Lúcio ( 2000). *Escritos Urbanos*. Ed 34. São Paulo.
- Lefebvre, Henri (2008). *Espaço e Política*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2008.
- Marques, Eduardo; Torres, Haroldo ( 2004). *Políticas Sociais e Territórios: uma abordagem metropolitana*. In; São Paulo Perspectiva, 18(4): 28-38.
- \_\_\_\_\_ ( 2005) São Paulo: Segregação, pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Edt. SENAC , 329p.
- Sabaatini, Francisco; Carceres, Gonzalo e Cerda, Jorge.( 2004) *Segregação Residencial nas principais cidades chilenas: Tendências das três últimas décadas e possíveis cursos de ação*. Espaço & Debate- São Paulo,v 24, n45,p60-74, jan/jul .
- Santos, Lícia Maria Souza dos.( 2002) *Mudança de Habitus? A trajetória dos ex-educandos de políticas voltadas para a criança e o adolescente de camadas pobres da população*. 123f. Dissertação ( Mestrado em Ciências sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador
- Santos, Milton( 2002). *O espaço do cidadão*. 6 ed. São Paulo: Studio Nobel.
- Souza, Ângela Gordilho.(2000) *Mudanças urbanas em salvador no final do século XX*. Bahia Análise & Dados. Salvador-BA, SEI,v9,n4, p53-73.
- Ribeiro, Luiz César Queiroz. *Segregación Residencial y Segmentación Social; “El efecto vecindario” em La reproducción de La pobreza em las Metrópolis Brasileñas*. In: LEGUIZAMON, Sonia Alvarez (Comp).( 2005) Trabajo y producción de La pobreza em Latinoamérica y el Caribe. Buenos Aires: CLACSO,p. 137-155.
- Telles, Vera da Silva ( 2010). *As cidades nas fronteiras do legal e ilegal*. Argumentum Edt, Belo horizonte.

## Notas

<sup>1</sup> A forma como se dá essa inter-relação tem sido objeto de intensa reflexão que será contemplada através de revisão bibliográfica ao longo do doutorado.

<sup>2</sup> VeraTelles ( 2010) , Faz referência ao mundo do trabalho para os jovens que já nasceram na cidade e vai dizer que as suas referencias não significam uma referencia a uma degradação de condições que foram melhores em outros tempos, mas já entraram num mundo revirado, onde o trabalho precário e o desemprego compõem um estado de coisas que precisam lidar.